

WANESSA PEREIRA RODRIGUES

**UMA ANÁLISE SOBRE O TURISMO DE PESCA NA
COMUNIDADE DO PORTO DA MANGA-CORUMBÁ/MS.**
PERÍODO: FEVEREIRO A DEZEMBRO DE 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPOS DE CAMPO GRANDE - UFMS
CIÊNCIAS SOCIAIS
CAMPO GRANDE /MS
2008

WANESSA PEREIRA RODRIGUES

**UMA ANÁLISE SOBRE O TURISMO DE PESCA NA
COMUNIDADE DO PORTO DA MANGA-CORUMBÁ/MS.**

PERÍODO: FEVEREIRO A DEZEMBRO DE 2008

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, do Departamento de Ciências Humanas e Sociais, da Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – *Campus* de Campo Grande para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Doutor Álvaro Banducci Júnior.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPOS DE CAMPO GRANDE - UFMS
CIÊNCIAS SOCIAIS
CAMPO GRANDE /MS
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Wanessa Pereira Rodrigues apresentou monografia: **“Uma Análise Sobre o Turismo de Pesca na Comunidade do Porto da Manga – Corumbá/MS”** e foi considerada _____.

BANCA EXAMINADORA

Campo Grande, 05 de dezembro de 2008.

***Dedico este trabalho a
minha mãe, a quem devo
tudo o que sou e por ter
me apoiado sempre, em
todas as escolhas que fiz
até aqui.***

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, a quem devo tudo que sou hoje, sempre me incentivou e apoiou em tudo que fiz.

A minha família pelo apoio e confiança, em especial aos meus irmãos que estiveram ao meu lado numa fase importante da minha jornada.

Ao meu orientador, pela paciência, dedicação e ensinamentos, todos fundamentais para conclusão da minha formação acadêmica e elaboração deste trabalho.

A todos professores e colegas que estiveram presentes em minha vida durante o curso.

A minha grande amiga Carol, que esteve presente na minha vida desde criança, estando ao meu lado em todos os momentos.

Ao Jean Fernandes e a Ecoa – Ecologia e Ação (*única ONG que desenvolve os trabalhos na região pesquisada*) pelo apoio geral e paciência durante a elaboração da pesquisa.

A Rosana Pereira, pelos ensinamentos e momentos de muita alegria.

Ao Florízio, meu grande amigo de todas as horas, meu anjo da guarda.

A todos pescadores da Comunidade do Porto da Manga, que me receberam de braços abertos, me mostraram muito de sua realidade e pelos momentos de brincadeira, mostrando a alegria das coisas simples da vida.

RESUMO

Ao longo dos rios que abrangem o Pantanal vivem diversas comunidade de pescadores que tem nesta sua principal fonte de sustento, praticando a pesca e a coleta de iscas vivas. Uma dessas comunidades ribeirinhas é o objeto desse estudo, a Comunidade do Porto da Manga. O objetivo deste trabalho é analisar a influência de projetos sociais que foram implantados nesta comunidade, mostrar se a execução desses projetos tem dado resultados que satisfaçam as reais necessidades da comunidade. Serão mostradas também as dificuldades enfrentadas por estes trabalhadores, mesmo notando que melhorias significativas, tenham ocorrido por causa dos projetos. Por fim é citado na conclusão deste trabalho, o maior desafio que a comunidade ainda enfrenta, que vem a ser a organização social; mesmo tendo ocorrido várias intervenções por parte de diversas instituições.

Palavras-chave: Pesca profissional artesanal, coleta de iscas vivas, projetos sociais.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| 1.REFERÊNCIAL TEÓRICO..... | 12 |
| 1.1 A Pesca | 12 |
| 1.2 O Saber Tradicional | 14 |
| 1.3 Papel de uma Ong..... | 15 |
| 2. A COMUNIDADE DO PORTO DA MANGA..... | 18 |
| 2.1 Infra-estrutura..... | 18 |
| 2.2 Origem Social | 20 |
| 2.3 Atividade Econômica | 21 |
| 2.4 Divisão Sexual do Trabalho..... | 25 |
| 2.5 Organização para realização do trabalho | 26 |
| 2.6 Trabalho regulado pelos ciclos da natureza..... | 27 |
| 2.7 Conflitos..... | 28 |
| 3. PROJETOS DESENVOLVIDOS NA COMUNIDADE..... | 30 |
| 3.1 Diretrizes para o manejo sustentável da atividade de coleta de iscas vivas do Pantanal de MS. | 30 |
| 3.2 Unidade Móvel..... | 31 |
| 3.3 Fortalecimento da Associação de Moradores..... | 32 |
| 3.4 Luz para Todos..... | 33 |
| 3.5 Museu Rondon do Pantanal | 33 |
| 3.6 Plano de Manejo da Estrada Parque Pantanal | 34 |
| 3.7 Queda da taxa de mortalidade das iscas vivas | 35 |
| 3.8 Valorização da produção de alimentos de origem..... | 36 |
| 4. INFLUÊNCIAS DOS PROJETOS SOCIAIS NA VIDA DOS MORADORES DO PORTO DA MANGA | 38 |
| CONCLUSÃO..... | 45 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 47 |

INTRODUÇÃO

O Pantanal é a maior área inundável do mundo, possui uma área de 138.183 km², abrangendo parte do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, estendendo-se ainda por mais dois países o Paraguai e a Bolívia. O Pantanal é considerado um dos mais conservados ecossistemas do planeta e possuidor de uma grande diversidade biológica, tendo sido declarado pela UNESCO, diante deste cenário, como Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera (2000).

Ao longo dos rios que abrangem o Pantanal vivem diversas comunidades de pescadores que têm nestes sua principal fonte de sustento, praticando a pesca e a coleta de iscas vivas, porém a principal atividade econômica da região é a pecuária.

O foco principal desta pesquisa é a comunidade da Vila do Porto da Manga, localizada a 60 km da cidade de Corumbá, no Pantanal Sul Mato-grossense. Um dos acessos à comunidade é a Estrada Parque Pantanal Sul, como o próprio nome diz é uma espécie de Parque Natural ao longo dos seus 120 km, em que os visitantes desfrutam das janelas de seus veículos, das belezas do Pantanal.

O Porto da Manga é uma comunidade de profissionais da pesca que nos últimos anos passaram a se dedicar também a atividades ligadas ao turismo de pesca, como guias e piloteiros de barcos. Em termos de mão-de-obra, a pesca e o turismo desempenham um papel de suma importância na vida dos ribeirinhos dessa localidade, pois esses dois setores da economia empregam boa parte dos moradores.

Com o advento do turismo de pesca surgiu também uma nova demanda no trabalho desses ribeirinhos, a venda de iscas vivas para a captura de peixes nobres por parte dos turistas. Essa necessidade de aquisição de iscas vivas contribuiu para o surgimento de uma nova categoria de trabalho, a dos catadores de iscas vivas, também conhecidos como “isqueiros”, a qual hoje é uma das mais lucrativas fontes de renda no local.

Com essa nova oportunidade de trabalho, muitas famílias que viviam no meio urbano, marginalizadas por falta de oportunidade de trabalho, se mobilizaram em busca dessa nova alternativa. Assim, ao longo do Pantanal encontram-se várias famílias que dedicam boa parte do seu tempo à atividade de coleta de iscas vivas.

A comunidade do Porto da Manga ficou, durante anos, esquecida pelo governo. Esses ribeirinhos não eram incluídos em políticas públicas, tais como: saneamento básico, escola, posto de saúde, energia elétrica, entre outros e aquelas destinadas à trabalhadores de baixa renda; mesmo a comunidade localizando-se próxima à cidade de Corumbá (aproximadamente 60 km). Essa comunidade já vivenciou o auge de sua economia com o turismo de pesca na década de 1990, mas mesmo nessa época, de apogeu econômico, quando ali residia grande número de famílias, não teve as atenções devidas para a solução dos seus problemas.

Mas, esse fato começou a mudar no ano de 1999, quando foi desenvolvido o primeiro projeto na região, tendo o nome “Diretrizes para o Manejo Sustentável da Atividade de Coleta de Iscas Vivas no Pantanal em Mato Grosso do Sul”. Esse projeto foi implantado pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em parceria com a ONG ambientalista Ecoa – Ecologia e Ação e com financiamento e supervisão do GEF/PNUMA/OEA.

O projeto consistiu de estudos e experimentações de novas técnicas de captura de iscas vivas e levantamento de dados sociais, servindo de base para o desenvolvimento de novos projetos no Porto da Manga. Frutos desse primeiro trabalho são vistos até hoje, com muitos benefícios tendo sido levados para esses ribeirinhos através dessas iniciativas sociais.

Tendo em vista essas ações, o objetivo geral deste trabalho é analisar o resultado da aplicação dos projetos sociais implantados na comunidade, por órgãos governamentais e não governamentais. Além disso, esta pesquisa tem como objetivos específicos a caracterização da comunidade do Porto da Manga; a descrição dos Projetos que foram realizados na comunidade; a análise da atuação desses projetos junto à comunidade, em relação à infra-estrutura, renda, melhoria

na qualidade de vida e emprego; o grau de adesão da comunidade aos projetos e, por fim, o nível de satisfação da comunidade do Porto da Manga em relação aos referidos projetos.

Hoje, na Vila do Porto da Manga, há uma Ong desenvolvendo trabalhos junto a esses ribeirinhos, a ECOA – Ecologia e Ação. A atuação desta organização na comunidade está voltada para a melhoria da qualidade de vida e trabalho desses pescadores. A ECOA tem uma ligação direta com a comunidade, que se dá através de um coordenador de projetos no local. Esta ONG, também, busca parcerias com órgãos governamentais, como IBAMA, Embrapa Pantanal e UFMS, para que sejam realizadas pesquisas, capacitações para esses profissionais da pesca, implantação de ações visando o desenvolvimento integral dessas comunidades, realizando trabalhos associativistas, cursos de capacitação e intermediando conflitos no local, sendo este último a partir de uma espécie de ouvidoria, em que as reivindicações e necessidades da população ribeirinha são ouvidas e juntos buscam chegar a uma solução dos problemas.

O interesse no estudo desta comunidade se deu a partir da percepção da crise em que se encontra a atividade pesqueira, em termos de captura e comercialização do pescado, e da dificuldade da reprodução social do grupo que pratica esta atividade, que sofre com as oscilações do mercado turístico local.

O trabalho consistiu de uma abordagem qualitativa, sendo que a primeira fase das atividades visava a compreensão do que vem a ser pescador profissional artesanal, a sua importância e o valor do seu saber. Tais dados foram obtidos através de levantamento de campo e análise e sistematização de bibliografias existentes sobre o tema. Foram realizadas, também, pesquisas sobre projetos sociais desenvolvidos na comunidade estudada.

A segunda parte do estudo constou de trabalhos de campo, com a aplicação e análise de um questionário composto por 29 questões, aplicado junto a 33 moradores da comunidade do Porto da Manga. No local existe em torno de 40 a 45 famílias, houve a tentativa de entrevistar um representante de cada família, mas ocorreu que muitos desses moradores estavam, no período da

pesquisa, trabalhando no rio, pois o levantamento foi realizado na alta temporada de pesca.

A pesquisa visou buscar respostas relacionadas à atividade econômica predominante no local, dificuldades que os moradores enfrentam para se manterem como pescadores, quais os projetos que tiveram maior repercussão na vida destes e se eles estão satisfeitos com a implantação desses projetos sociais.

Segundo Minayo :

O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e de construção de teoria. (2004, p.26)

Esse trabalho foi dividido em três capítulos, o primeiro trata da caracterização da comunidade do Porto da Manga, abordando aspectos ligados à atividade econômica, origem social desses trabalhadores, questões de infraestrutura, entre outros.

Já no segundo capítulo são descritos os projetos sociais desenvolvidos no local, suas propostas e instituições proponentes, data de execução, para que a partir daí possa ser feita a análise da atuação desses referidos projetos junto à comunidade.

Por fim, o terceiro capítulo trata dos resultados dos projetos sociais implantados na comunidade, dos possíveis benefícios trazidos por estes e das dificuldades ainda existentes.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A PESCA

Existem dados que mostram que a pesca possui grande importância no contexto social e econômico mundial, porque produz alimentos e cumpre um importante papel social, ao gerar empregos para trabalhadores no mundo.

O tipo de pesca realizada por um determinado grupo pode diferenciar-se quanto às suas atuações socioeconômica e ecológica. Por exemplo, um dos objetos desse estudo é a categoria de pesca artesanal e sua particularidade consiste em ser uma atividade econômica que depende das forças naturais, tendo como conseqüências imediatas fatores que influenciam na regularidade da captura, na geração do produto excedente e nos grupos que são envolvidos.

Mesmo não tendo apoio governamental e sua representação política no Brasil não ser importante, a pesca artesanal continua sendo uma atividade socialmente expressiva. Apesar dos esforços do governo estarem centralizados na pesca industrial-empresarial, os pescadores artesanais representam um número significativo diante das atividades pesqueiras e exercem um papel fundamental no fornecimento de proteína a baixo custo.

Além disso, o setor destaca-se pela grande diversidade cultural, que está ligada às diferentes modalidades de pesca desenvolvidas pelos pequenos pescadores e pela relação de equilíbrio que mantém com o ambiente. Segundo Diegues:

As comunidades de pescadores artesanais apresentam inúmeros exemplos de proteção e uso adequado dos recursos naturais e do meio ambiente que servem de lição não só à sociedade brasileira como um todo, como também aos movimentos ambientalistas. (1995.p.,128).

Cunha (2000), em seu trabalho sobre o pescador artesanal de Barra da Lagoa, no litoral Leste de Santa Catarina, destaca a arte da pesca artesanal como uma atividade que envolve não apenas o controle dos meios de trabalho, mas:

...o ato de saber-pescar envolve um conjunto de conhecimentos, experiências e códigos culturais transmitidos de pai para filho, recriados individual ou socialmente, através dos quais a parceria se realiza. (2000.p.107)

Por outro lado, esses pequenos pescadores, também chamados de pescadores artesanais, costumam ser vistos pela sociedade como atrasados, por utilizarem tecnologia simples para exercer a sua atividade econômica. Até mesmo são considerados ociosos por não trabalharem com regularidade.

Muitas dificuldades são encontradas para realizar a pesca artesanal. Por ser uma atividade irregular, esse trabalhador possui pouco controle sobre ela, e ainda depende diretamente da natureza e seus ciclos. Seus conhecimentos, também, são tidos como inferior por terem sido adquiridos fora dos padrões de formação institucional da sociedade. Mas, ao contrário do que uma parcela da sociedade pensa, esses trabalhadores são altamente qualificados, sendo esta qualificação adquirida através do contato cotidiano com a natureza, o que faz deles possuidores de um vasto campo de conhecimento sobre sua atividade econômica e ao ambiente em que é realizada.

O que não se considera, no entanto, é que os trabalhadores das águas vivem sob os limites dos ciclos naturais e, mesmo quando não estão nas águas realizando a pesca, ficam em terra para consertar seus instrumentos de trabalho. Como são, em sua maioria, produtores que combinam a pesca com outras atividades, na busca por minimizar os riscos e aproveitar os períodos da entressafra, exercem outras atividades trabalhando, por exemplo, na agricultura, no extrativismo, no artesanato, entre outras.

Já em um estudo sobre as mudanças na atividade pesqueira nas regiões interiores no Pará, Furtado (1990) atribui ao pescador artesanal, o papel de profundo conhecedor das técnicas de manejo adequadas para preservação do ambiente em que vive:

A íntima relação entre homem e natureza, atribui ao produtor da pesca artesanal a qualidade ímpar de conhecedor de seu meio envolvente, atribui-lhe regras de equilíbrio e de preservação; o seu universo mítico, por outro lado, inculca-lhe mecanismos (ainda que inconscientes) de

preservação da natureza, permite-lhe um conhecimento sobre quando uma árvore vai ou não florir, dar fruto ou se o fruto é ou não comestível; conhece os dias e épocas adequadas para o corte de uma folha de palmeira para cobrir sua casa e não criar bichos, ou de madeira para sua embarcação e para não rachar depois de pronta; conhecem os territórios de caça e pesca e coleta; tempo e efeito das chuvas, nível de trânsito de peixes nos rios e lagos e praias, etc. (1990, p.74)

É importante, no entanto, como mostra Diégues (1995), saber a diferença entre pescador artesanal e de auto-subsistência:

É preciso não confundir pescador artesanal com o pescador de auto-subsistência pois os pescadores artesanais produzem principalmente para a venda e como todo pequeno produtor é dependente do mercado, através da teia de intermediários e "marchantes". É um pequeno produtor que participa diretamente do processo de pesca, dono de um cabedal enorme de conhecimentos e dos instrumentos de trabalho, operando seja em unidades familiares seja com "camaradas" ou companheiros. O excedente produzido é relativamente pequeno e as técnicas de captura são em geral simples, mas adaptadas aos ecossistemas litorâneos tropicais marcados por um grande número de espécie de pescado. (p.86).

Os trabalhadores do Porto da Manga se encaixam na categoria de pescador artesanal, pois possuem tecnologia para elaboração dos seus instrumentos de trabalho muito simples, também são detentores de um vasto conhecimento sobre a fauna e flora local. Apesar de serem detentores de todo esse conhecimento, ainda assim, dependem dos intermediários por não possuírem bens materiais para fazer o transporte do seu produto até a cidade.

1.2. SABER TRADICIONAL

Para Diegues & Arruda (2001, p.31) conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, um conhecimento transmitido de geração em geração oralmente.

Furtado também destaca essa idéia, em um estudo sobre o conhecimento e as representações mentais do universo do pescador das águas interiores do Pará.

O seu aprendizado se realiza pela prática, pela continuidade da atividade, pela convivência grupal. Portanto o registro é mental e se transmite pela tradição oral de pai para filho, de geração a geração. (1993, p.200)

Ainda, Furtado (1993) destaca que quase não há divergências, nas sociedades tidas como tradicionais, quanto à forma de aprendizagem “do conhecer e do fazer as coisas”.

Diegues & Arruda (2001) divide as populações tradicionais em indígena e a não-indígena, mostrando suas particularidades:

Apesar desses dois conjuntos de populações compartilharem características comuns no que diz respeito ao conhecimento sobre a biodiversidade, há entre elas diferenças importantes, como já afirmado. Uma delas é que as populações ou etnias indígenas tem uma história sociocultural anterior e distinta da sociedade nacional e língua própria (ainda que nas suas formas de reprodução sociocultural sejam dependentes e articuladas com as da sociedade nacional), diferente daquela das populações tradicionais não-indígenas, as quais utilizam o português, ainda que com diversas variâncias. (2001,p.38)

Os povos indígenas e as comunidades tradicionais, espalhadas pelo litoral e interior do Brasil dominam um grau de conhecimento sobre a diversidade biológica que é imensurável. Lévi-Strauss, em *O pensamento selvagem* (1989, p.30), mostra como o conhecimento da população indígena pode trazer resultados práticos e úteis para o cotidiano deles, como por exemplo, Lévi-Strauss cita a forma de elaboração de técnicas complexas, que possibilitam transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos. Esse saber dos povos indígenas influenciam até hoje a vida social, econômica e deixa como herança também um poder adaptativo ao meio em que vivem os povos tidos como tradicionais.

O distanciamento geográfico fez com que essas populações desenvolvessem modos de vida particulares, que compreendem grande conhecimento da biodiversidade dos locais que habitam, o emprego de tecnologias próprias e mecanismo simbólicos de relacionamento com o mundo natural.

Diegues (2000, p.41) também destaca a importância do saber dessas populações tradicionais, que elas podem ser aliadas para conservação da biodiversidade.

Segundo Furtado (1993, p.12), é necessário que seja levado em conta o saber tradicional na realização de programas desenvolvimentistas, pois a exclusão do saber desses nativos trará resultados negativos para esses projetos, como: esgotamento desses programas, divergências nas idéias e ações, ainda a “desorganização e miséria de grupos populacionais”.

Diegues & Moreira (2001, p.107), mostra que além disso, durante a implantação, pelo Estado, de áreas naturais protegidas, tais como parques nacionais, reservas ecológicas, etc, os povos tradicionais que vivem nesses locais têm como consequência impactos negativos na sua organização social. Pois esses parques naturais muitas vezes excluem a presença dos nativos no seu interior, que ficam impedidos também de exercerem suas atividades de subsistência nesses locais.

O mesmo ocorre com os isqueiros do Porto da Manga, por viverem em uma área que faz parte da Estrada Parque Pantanal Sul (um parque natural), esta, também tida como Área de Especial Interesse Turístico (AEIT), não podem fazer assim, coleta de iscas vivas, nas baías, lagoas e corixos existentes à beira dessa estrada. Essa proibição ocorre tanto pelo fato de existirem fazendas à beira dessa estrada, quanto pelo impedimento pela legislação ambiental.

1.3 - PAPEL DE UMA ONG

Terceiro setor é um termo sociológico derivado da literatura norte-americana que está ligada à tradução da palavra em inglês Third Sector, sendo muito utilizada para definir organizações que não possuem vínculos diretos com o Primeiro Setor representado pelo Estado e o Segundo Setor que corresponde ao mercado (Coelho, 2000, p.58).

No Brasil as organizações que constituem o Terceiro Setor podem ser consideradas como ONGs (organizações não-governamentais) e OSCIPs

(organizações da sociedade civil de interesse público), sendo comum a utilização deste termo na América Latina. Segundo Machado Filho as ações do Terceiro Setor são definidas como:

O terceiro setor pode ser definido como o conjunto de atividades privadas com fins públicos e sem fins lucrativos, composto por instituições civis de qualquer origem – religiosa, comunitária, de trabalhadores, institutos e fundações empresariais, organizações não-governamentais, entidades religiosas, entidades de assistência social e benemerência e outras – diferenciando-se da lógica do Estado (público com fins públicos) e de mercado (privado com fins privados). (2006, p.102).

No Brasil o surgimento do termo Terceiro Setor pode ser observado por volta do ano de 1970, no auge da resistência da ditadura Militar, onde foram criadas pequenas iniciativas por parte da sociedade, abrindo, assim, espaços de reivindicações, por não poderem participar das decisões políticas.

A atenção do Terceiro Setor brasileiro volta-se a problemas ligados à nossa sociedade, como o acesso à educação básica de qualidade, à saúde e ao mercado de trabalho, o problema da destruição do meio ambiente, do aumento do desemprego e da pobreza. As ações de caráter assistencialistas e filantrópicas vem perdendo espaço, pois não mudam a realidade social, portanto a modalidade que mais cresce são os investimentos em programas e projetos sociais, estas são as características que marcam as ações do Terceiro Setor.

As organizações do Terceiro Setor realizam parcerias com o Primeiro e Segundo Setor, possibilitando uma integração entre recursos e esforços das entidades da sociedade civil, das empresas privadas, da comunidade e do governo.

Goldschmid destaca que:

[...]criar uma parceria é muito mais do que “buscar dinheiro” para viabilizar uma ação, é estabelecer um relacionamento de longo prazo, é associar-se ao financiador como dirigentes de um negócio, jogar no mesmo time das pessoas (ou empresas) que têm potencial para ajudar a sua ação a tornar-se maior e mais efetiva. (2007)

A formação do Terceiro Setor é diversificada, pois é formada por um grupo de entidades e de atividades distintas, como o exemplo das organizações sem fins

lucrativos, organizações não governamentais, institutos, fundações, associações, entre outros, mas cada um com suas especificidades funcionais e legais. Estas realizam atividades em diferentes áreas como saúde, educação, cultura, meio ambiente, direitos humanos, violência, assistência social, esportes; envolvendo assim os mais variados públicos.

As Organizações não-governamentais, também conhecidas pelo acrônimo ONG, é um conceito mundial que define a existência de entidades das mais diversas, as quais atuam no Terceiro Setor. No Brasil, as ONGs optam pelo padrão de sociedade civil sem fins lucrativos e de direito privado com fins públicos, essas entidades estão cada vez mais se fortalecendo e se articulando.

As organizações do Terceiro Setor representam uma realidade importantíssima no mundo contemporâneo e constituem uma tendência positiva que pode trazer benefícios para a sociedade, como por exemplo, o fato de empregar um volume significativo de mão-de-obra, na medida em que abre espaço para a atuação de profissionais de diversas áreas e ainda desenvolve projetos de emprego e renda.

2. COMUNIDADE DO PORTO DA MANGA

2.1 INFRA-ESTRUTURA

A Vila do Porto da Manga possui um aspecto que a difere das demais comunidades ribeirinhas da região e que a favorece, está ao lado do Rio Paraguai e da Estrada Parque Pantanal. Esta é uma Área de Especial Interesse Turístico (AEIT) e isso tende a trazer para a comunidade alguns benefícios, que serão citados mais adiante.

Na Vila do Porto da Manga vivem cerca de 40 a 45 famílias, distribuídas nas 42 casas existentes no local. Sendo que essas casas não ficam ocupadas o ano todo, pois no período de defeso quando a pesca profissional e amadora fica proibida, muitos desses moradores vão para a cidade receber o seguro defeso ou procurar outras alternativas de renda.

Essas casas são geralmente de madeira e sustentadas por palafita, com alguns complementos em lona e zinco. Poucas casas são de alvenaria, as melhores construções são os ranchos existentes na região, que são alugados para os turistas. Os proprietários desses ranchos geralmente residem na cidade e vão à comunidade algumas vezes por ano, sendo assim contratam caseiros para tomarem conta desses ranchos durante o ano todo.

Ainda, é exigido desses ranchos condições básicas para funcionarem, sendo expedida uma licença de funcionamento, pela Prefeitura Municipal de Corumbá e Secretaria do Meio Ambiente. Esta licença tem um custo anual.

Existe no local apenas um hotel, o Hotel Sonetur, este mantém com a população local vínculos empregatícios e comerciais, pois neste último caso, ocorre que os turistas que se hospedam no hotel com finalidade de pescar, só podem adquirir as iscas vivas vendidas no hotel; não compram diretamente dos isqueiros.

Quem faz essa intermediação são os piloteiros de barcos, eles vão até os isqueiros, preferencialmente com os quais possui maior afinidade, compram as iscas vivas suficientes para a pescaria e entregam um vale para esses isqueiros.

Quando o turista deixar o hotel e pagar suas despesas, os isqueiros poderão trocar o vale por dinheiro.

Quanto aos serviços públicos, são oferecidos para os moradores escola, um telefone público, sinal para a telefonia móvel e rede de energia elétrica. Entretanto, esses deixam a desejar, pois a escola não funciona todos os dias da semana, pela presença da professora não ser diária, e ainda falta material escolar, que deveria ser oferecido pela escola, tais como: folha de sulfite, cartolina, álcool e lápis. Por causa da falta de material escolar os alunos do local precisam comprá-los. Isso tudo é adquirido numa mercearia que possui ao lado do hotel.

Ainda com relação à escola o prédio onde são ministradas as aulas é alugado pela prefeitura, o qual faz parte do Hotel Sonetur, as salas de aula ficam entre os quartos que são alugados aos turistas. Alguns pais alegam que as crianças são instruídas a não correrem e não fazerem barulho no corredor do hotel, pois pode haver algum turista descansando. Com isso, fica claro a falta de estrutura para um funcionamento adequado da escola local.



Figura 1. Prédio onde são ministradas as aulas da escola do Porto da Manga. (Foto: Wanessa Pereira).

Com relação a energia elétrica, a qual trouxe facilidades para realização do trabalho desses pescadores, contudo ao mesmo tempo trouxe também dificuldades para esses moradores, pois no local não há como pagar as contas de energia elétrica. Os moradores precisam ir até a cidade ou depender de favores de conhecidos para quitarem suas dívidas junto a empresa de energia.

Quanto ao serviço de telefonia no período de ventos fortes na região o telefone público fica sem sinal, o conserto que é feito pela empresa de telefonia demora dias.

Agora, serviços como saúde, água tratada, saneamento básico, transporte coletivo e coleta de lixo não são oferecidos pelo poder público. A água utilizada por esses moradores para higiene pessoal e limpeza da casa vem do rio, recebendo apenas o tratamento com cloro, que é comprado pelo próprio morador. Para tomar banho alguns moradores usam a beira do rio, pois não são todos moradores que possuem banheiro dentro da casa.

Com relação ao transporte, quando esses moradores precisam ir até a cidade, se não tiverem condução precisam pagar um frete de R\$ 200,00 ida e volta. Já o lixo produzido por esses moradores, na maioria das vezes é enterrado em buracos, mas há quem prefira queimá-lo.

O atendimento médico é feito no local pela Marinha, solicitada pela prefeitura de Corumbá, no entanto há ações da ECOA junto a universidades para atendimento odontológico e também atendimentos médicos realizados por conta da UFMS.

Este contexto de precariedade para se viver com a ausência de serviços públicos é recorrente nas comunidades pobres, como informa Furtado:

O que se percebe quando se entra em contato com tais comunidades, é que, o que reivindicam ao Estado, hoje, é o acesso a serviços públicos (saneamento básico, água potável, posto de saúde com médico, ensino formal, energia etc) e não necessariamente novos padrões ou formas sociais alternativas de produção. (1993, p.12)

2.2. ORIGEM SOCIAL

Os moradores do Porto da Manga são originários das cidades de Corumbá e Ladário, estes enfrentavam o problema da falta de oportunidade de trabalho nessas cidades. Os moradores dessa Vila viram nessa nova frente de trabalho, que é o turismo de pesca, uma motivação para irem morar no meio rural, ou seja, ganharam um novo espaço diante a economia local:

O afluxo de trabalhadores se acelerou rapidamente a partir de meados da década de 1980, quando houve um incremento do turismo pesqueiro em todo Pantanal, desencadeando com ele demanda por iscas vivas para a pesca, o que contribuiu para o surgimento de uma nova frente de trabalho até então pouco explorada comercialmente na região. (Banducci, 2006. p. 51)

Muitos moradores alegam que ao comparar a Vila com o meio urbano preferem a comunidade por ser um local onde o índice de violência é pequeno, o custo de vida é menor em relação à cidade e ainda possuem facilidades para aquisição de renda.

De acordo com os dados da pesquisa realizada, quanto à escolaridade desses ribeirinhos 64% possuem o 1º grau incompleto e a faixa etária desses moradores com a idade entre 25 – 35 anos representou 24%, já os com idade entre 35 – 45 anos foi de 28% e os entrevistados com idade entre 45 – 55 anos é de 24%. Com relação ao estado civil 52% dos moradores se declararam como amasiados, seguido dos casados que somam 24%.

Com relação ao sexo, 72% dos entrevistados são do sexo feminino e 28% masculino, já o tempo de residência na comunidade: 33% dos moradores vivem lá entre 20 – 25 anos e 30% residem entre 15 – 20 anos. Ainda 64% dos moradores locais possuem casa própria, seguida de 27% de moradores que possuem habitação emprestada.

2.3 ATIVIDADE ECONÔMICA

Na comunidade do Porto da Manga a atividade econômica predominante é a pesca profissional artesanal, sendo que é realizada pelos trabalhadores do local tanto a pesca praticada no rio, quanto à pesca de pequenos crustáceos encontrados em baías e corixos da região, atividade esta denominada de coleta de iscas vivas, a qual dá suporte ao turismo de pesca.

A economia local também é beneficiada pelo turismo de pesca, este gera empregos direta ou indiretamente para esses moradores, pois alguns além de pescarem ou coletarem iscas vivas, ainda trabalham em outra atividade ligada diretamente ao turismo, tais como: aluguel de ranchos aos turistas vindos de outros estados; o hotel que emprega alguns moradores para trabalharem como piloteiros dos barcos alugados para turistas, guias de pesca, faxineiras e cozinheiras. Mas, nem todos piloteiros de barco e guias de pesca trabalham no hotel, existem aqueles que trabalham por conta própria.

Nota-se, ainda, neste contexto da atividade econômica local, que os moradores melhores remunerados são: 1° os piloteiros de barcos; 2° pescadores profissionais artesanais; 3° coletores de iscas vivas. Este último é descrito por Banducci como:

Os catadores de iscas ou isqueiros, como também são conhecidos na região, são pessoas pobres que, sem perspectivas de trabalho nas pequenas cidades pantaneiras, se aventuram nas baías da planície em busca de pescado para comercializá-los com turistas e intermediários. (2006. p.19)

Banducci, no mesmo trecho mostra que além da problemática de não terem perspectivas de trabalhos nas cidades, ainda vivem em condições subumanas e enfrentam diversos conflitos gerados pelo turismo:

Vivendo em condições precárias, acampados sob pontes de concreto ou em barracos de lona plástica, e enfrentando toda sorte de adversidades, os "isqueiros" situam-se no centro de um conflito de interesses: ao mesmo tempo que atendem a demanda de um segmento do turismo, o pesqueiro, que não se realiza sem seu trabalho, provocam o

descontentamento de outros agentes, que atuam no setor do turismo de atrativos naturais. (2006. p.19)

Muitos dos coletores de iscas vivas não possuem barcos motorizados, o que os impossibilita de buscar o produto em locais menos explorados, fazendo com que a disputa pelo produto, disponível em espaços mais próximos seja mais intensa.

Quanto aos trabalhadores que têm a pesca profissional artesanal como sua primeira fonte de renda, não são todos que possuem barcos motorizados, e sim canoas, isso faz com que eles freqüentem locais de fácil acesso que são os mais explorados e com escassez de produtos. Sendo assim, a posse de embarcações é um fator importante para o trabalho ser bem sucedido.

Porém, deve ser levado em conta que os pescadores e os isqueiros do Porto da Manga, não constituem duas categorias totalmente distintas e sem relação uma com a outra. Além do grau de parentesco e amizade, muitas vezes existentes entre os atores dessas duas categorias, é preciso atentar para o fato de que em muitos períodos do ano um pode realizar a atividade do outro, pois durante o trabalho de campo foi possível notar que geralmente quem coleta iscas também pesca em um determinado momento, tanto para subsistência quanto para comércio, neste último caso, se houver algum comprador.

Uma outra ligação entre as duas categorias citadas é a comercial, muitos pescadores profissionais artesanais quando não coletam iscas vivas para pescar precisam comprar dos isqueiros. Por fim, ainda há uma relação comercial entre isqueiros e os piloteiros de barcos, que intermediam a compra das iscas vivas usadas pelos turistas que passam pela região.

Quanto aos instrumentos utilizados para pesca profissional-artesanal nos rios são: barcos motorizados, canoas, anzóis, varas de bambu, linhas de mão, iscas vivas ou artificiais. Uma característica da pesca artesanal é a simplicidade de seus instrumentos:

... Uma outra característica da Pesca Artesanal é a simplicidade tecnológica utilizada pelo pescador, no manejo do ecossistema pesqueiro no qual atua. É dessa simplicidade que advém o adjetivo que qualifica como artesanal e o maior e mais intenso diálogo do homem com a

natureza, em relação a outros tipos de pesca mais sofisticados, como a industrial... (Furtado, 1990. p. 56)

... Essa arte compreende um conjunto amplo e diversificado de conhecimento, técnicas e habilidades necessárias para explorar recursos pesqueiros litorâneos. As diversas modalidades de captura aí praticadas expressam uma riqueza de formas de relacionamento com a natureza, à base de um complexo conhecimento do mar, dos movimentos dos cardumes, incluindo também a confecção de parte dos instrumentos de trabalho. Quando se observam todas essas formas, percebe-se que o pescador envolve um longo aprendizado, um processo de socialização desde a infância, o que torna o trabalhador altamente qualificado... (Maneschky, 1990. p.96)

Já para a coleta de iscas vivas, que é realizada em baías e corixos, “os isqueiros” usam: telas, para coletar as iscas e macacão para se protegerem das adversidades do local quando ficarem imersos na água. E, para armazenarem as iscas até chegarem à comunidade colocam as iscas em baldes grandes ou tambores. Ao chegarem ao Porto da Manga transferem as iscas vivas para os devidos reservatórios. Banducci explica quais instrumentos são utilizados para coletar determinadas iscas vivas:

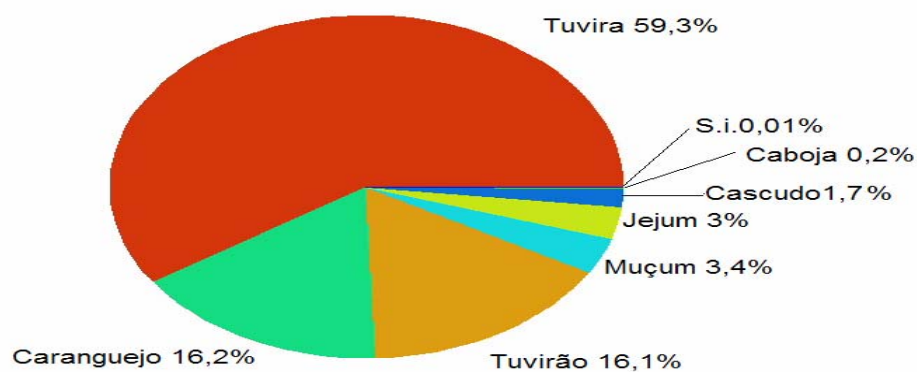
... algumas iscas como o jejum, são pescadas com varas de bambu e anzol, mas, a grande maioria é coletada com o auxílio de telas, armações de ferro, de 1,80 m por 1,00 m em média, na qual se prende uma tela de nylon bastante fina; dessas telas verdes utilizadas para vedar janelas impedindo a entrada de insetos. Além de leves e resistentes, são fáceis de ser encontradas e muito baratas... (2006,p.78)

O uso do macacão é uma conquista fundamental para esses trabalhadores que por muitos anos se arriscaram nos rios, baías, lagos e lagoas pantaneiras em busca de sua sobrevivência sem nenhum tipo de segurança contra as adversidades da natureza. Esse instrumento de trabalho foi proposto e implantado pelo projeto: “Diretrizes para o Manejo Sustentável da Coleta de Iscas Vivas”.



Figura 2. Isqueira se preparando para ir coletar iscas. (Foto: Wanessa Pereira)

As iscas vivas mais coletadas pelos isqueiros da região são em primeiro lugar, a tuvira (*Gymnotus Carapo*), depois o caranguejo (*Dilocarcinus pagei*) seguido de outras espécies, tais como, a pirambóia (*Lepidosirem paradoxa*), o cascudo (*Hoploternum littorale*), o jejum (*Erythrinus erythrinus*) e o muçum (*Synbranchus marmoratus*).



Fonte (SCPesca/MS, 2008) Dados adquiridos em pesquisa realizada sobre o Comércio e Captura de Iscas Vivas na Bacia do Alto Paraguai – Dr. Agostinho Carlos Catella.

Pelo fato da tuvira, ser a isca viva mais coletada pelos isqueiros da região, havia uma preocupação quanto a sustentabilidade da coleta de tuviras,

pois são coletadas milhares de iscas no período da vazante e no período em que a pesca é liberada, e nesta ocorre o período de reprodução das tuviras

O local onde essa espécie de isca viva é encontrada é quase anóxico, ou seja baixo teor de oxigênio. Por causa dessa particularidade, nesses locais quase não há peixes. Então coletando ou não as iscas elas irão morrer nos locais em que as baías e corixos secam em um período do ano. Isso fica claro num estudo realizado por Resende em uma pesquisa sobre “Biologia da Tuvira”:

No Pantanal é encontrado em ambientes lânticos cobertos de vegetação aquática, com muita matéria orgânica, rica em insetos e com baixos teores de oxigênio. Observações efetuadas durante as capturas dessa espécie mostraram que geralmente apenas duas outras espécies suportam as condições inóspitas onde ocorrem as tuviras: *Lepidosiren paradoxa*, a única espécie de peixe pulmonado que ocorre na América do Sul e *Symbranchus marmoratus*, peixe altamente tolerante a ambientes com baixos teores de oxigênio. (2006, p.8)

Sem contar que elas se reproduzem facilmente; ainda nem todos os habitat das tuviras são explorados, no período da cheia muitas baías são interligadas pelas águas, então os recursos dos locais que foram explorados totalmente são repostos pelos recursos abundantes de outras baías que não foram explorados (ocorre uma espécie de abastecimento natural dos recursos).

Outros fatores são as macrófitas (vegetação aquática), que povoam o local rapidamente, há uma rápida recuperação do local onde a atividade de coleta de tuvira é realizada, sendo assim, dentro deste contexto sobre o habitat e reprodução das tuviras nota-se que o impacto no ambiente local é brando.

2.4 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Estudos realizados em comunidades de pescadores artesanais expõem que poucas são as informações sobre o papel feminino e sua relação com a pesca; e quando há essa informação, o papel feminino está ligado ao trabalho com agricultura, artesanato e com o espaço doméstico.

Quanto à divisão sexual do trabalho na comunidade do Porto da Manga é muito importante destacar que a mulher participa diretamente da atividade da pesca, das tarefas domésticas e ainda no comércio dos produtos da pesca.

Esse fato é bem diferente do que ocorre em outras comunidades de profissionais da pesca, nas quais, por questões de crenças e costumes que há em torno da participação da figura feminina na atividade da pesca, as mulheres por diversas crenças não podem participar da pesca, tais como é possível verificar em alguns autores:

... a pesca não é coisa para mulher, pela sua fragilidade... (Furtado, 1993. p.201)

De acordo com a crença a mulher é fonte de panema, isto é pode transmitir ao pescador ou seus instrumentos de pesca, infortúnios, má sorte, azar. Neste estado o pescador fica panema ou sal como diz no Baixo Amazonas, não pesca nada... (ibid)

... Como a presença feminina nas reservas de pesca é muito rara, os homens ainda devem cozinhar seus próprios alimentos... (Silva & Silva. 1995. p.172)

Do mesmo modo, no estudo feito sobre a pesca no litoral paraense em uma pequena povoação chamada Itapuá, verifica-se uma rigorosa divisão sexual do trabalho:

A caracterização do modo de produção vigente em Itapuá implica considerar, inicialmente, a importância da divisão sexual do trabalho, pela qual a pesca surge como atividade masculina por excelência, enquanto a agricultura é concebida como trabalho feminino. A pesca possui, para todos os membros da comunidade, uma carga valorativa incomparavelmente maior que a agricultura. (Maués & Maués. 1990. p. 31)

Neste trecho podemos observar como o trabalho feminino costuma se estruturar em comunidades de pescadores, sendo geralmente considerado uma atividade menos importante que a pesca. No Porto da Manga, tal como os homens, as mulheres também trabalham diretamente com a pesca, envolvendo-se em uma atividade árdua e perigosa:

... por anos seguidos homens e mulheres, velhos e crianças enfrentam neles toda sorte de adversidades, levando uma vida anfíbia, imersos nas lagoas em busca de peixes e crustáceos, e pagando com a saúde – muitos deles com a juventude – a ousadia de desafiar os perigos dos corixos e das baías pantaneiras... (Banducci, 2006, p.69)

se você chega numa casa não vê mulher dentro, elas tão tudo dentro d'água até o peito, você num vê um homem dentro d'água só mulhé, como os homens aqui na Manga. (isqueira, 47 anos)

Sendo a atividade de coleta de isca essencial para a continuidade da atividade do turismo de pesca na região do Porto da Manga, verifica-se que o trabalho feminino neste local é de suma importância, fazendo com que a essa visão de que a mão-de-obra feminina é frágil e que agrega pouco valor econômico à família seja mudada. Atualmente no Porto da Manga, “80% dos isqueiros são mulheres” (Arquivo da Ecoa), sendo que os maridos vão pilotar e pescar com os turistas, e as mulheres ficam para capturar as iscas para a comercialização.

2.5 ORGANIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DO TRABALHO

Quanto a organização para exercerem o trabalho, observa-se que esses trabalhadores dificilmente saem para o rio individualmente. No caso da pesca no rio, os pescadores saem em dupla ou trio, em alguns casos há grau de parentesco entre eles. Caso não sejam parentes ao menos há laços de amizade.

Já para a coleta de iscas vivas em baías, lagos ou corixos, nota-se que os isqueiros organizam-se em duplas, pois torna-se muito difícil realizar a coleta individualmente por causa da tela que é utilizada como instrumento de trabalho. É necessário mais de uma pessoa para manuseá-la. No momento em que a tela é tirada da água, virá além das iscas vivas, outros animais e plantas, tornando-a muito pesada, a ponto de uma pessoa apenas não conseguir fazer todo esse esforço sozinho.

O procedimento da captura consiste em submergir a tela nas águas das baías e erguê-la rapidamente em seguida, trazendo em seu bojo as plantas e os animais capturados. Os camalotes – macrófitas aquáticas típicas do Pantanal, as quais as iscas são encontradas associadas, pois nelas se alimentam e se abrigam – são então retiradas da tela, suas raízes rompidas, “quebradas”, e retiradas para o lado, permitindo que os peixes e caranguejos que restaram na tela sejam pegos com a mão e armazenados em galões plásticos ou latas de 20 litros próprias para esse fim. (Banducci, 2006. p.80-81)

Essa dificuldade vivida por esses coletores de iscas é vivida, da mesma forma por outra categoria de coletores, os “tiradores de caranguejo” do litoral paraense:

“Os tiradores são unânimes em reconhecer a dureza de seu trabalho. Com efeito, têm de caminhar sobre solos lodosos e escorregadios- solos que eles denominam de “barro” ou “tijuco” – por entre emaranhados de raízes “aéreas”. Essa caminhada é ainda mais difícil ao final da jornada de trabalho, quando cada um carrega uma ou duas sacas de caranguejo. É comum, depois de alguns anos nessa ocupação, trazerem ao corpo as marcas de quedas e feridas” (Maneschy, 1993. p.28)

2.6 TRABALHO REGULADO PELOS CICLOS DA NATUREZA

As atividades tanto da pesca quanto de coleta de iscas vivas, são reguladas pelo ciclo da cheia e da seca, que interferem na vida dos ribeirinhos pantaneiros e na dos criadores de gado do Pantanal.

A comunidade do Porto da Manga é afetada diretamente pelo período da cheia não só pela dificuldade de encontrar peixe para a pesca, mas também pela de encontrar as iscas para serem coletadas. Como se não bastasse essas dificuldades na aquisição do produto, ainda ficam isolados, dependendo do nível anual da cheia, por mais de 60 dias.

Acontece que a estrada que dá acesso á comunidade pelo Lampião Aceso no sentido da cidade de Corumbá, conhecida como Rodovia da Integração, fica coberta pela água durante o período da cheia. Assim, a única forma de acesso é o rio Paraguai, através do uso de barco motorizado, mas como não são todos os profissionais que possuem esse meio de transporte e mesmo possuindo, o

combustível é muito caro, a única solução durante este período é ficar na comunidade e esperar o nível da água baixar e que este trecho da Estrada Parque Pantanal seja liberada.

Assim como no Porto da Manga, onde as atividades de pesca e coleta de iscas vivas são reguladas pelo ciclo das águas, a atividade de coleta de caranguejo no litoral paraense também é regulada pelo ciclo das águas, como mostra Maneschy:

“Toda organização do trabalho nos manguezais, como trabalho acima, sofre influência dos ciclos de marés, que provocam oscilações na produção. Durante as marés de quarto, os manguezais não são submersos, o trabalho se torna mais fácil e a produção aumenta significativamente. Durante as grandes marés, no entanto, o volume desembarcado se reduz, pois muitos tiradores ficam em terra”. (Maneschy.1993. p.42)

Por esses trabalhadores das águas terem que se adaptar a esses ciclos, muitas vezes são vistos com desconfiança, como pessoas que não trabalham regularmente. No entanto, Diegues explica que os trabalhadores das águas vivem sob a influência de ciclos naturais, sendo assim:

Ora os pescadores artesanais vivem sob a frequência dos ciclos naturais, que determinam os períodos de aparecimento de certas espécies de pescado, bem como dependem muito fortemente das marés, e condições do mar. Daí, como em todos os países do mundo, a pesca artesanal ser uma atividade cíclica com períodos de maior ou menor intensidade de trabalho, com horas de espera e horas de extenuante esforço físico.(1995, p.92)

2.7 CONFLITOS

Uma outra dificuldade enfrentada pela comunidade são os conflitos internos que existem no Porto da Manga. São conflitos históricos entre pescadores, isqueiros e atravessadores da região. Por exemplo, um dos fatores geradores desses conflitos é que existem moradores no local que possuem melhores condições financeiras, possuem bens materiais que facilitam a vida desses trabalhadores como: carro, barcos motorizados, dinheiro para financiar as viagens

para locais mais distantes, e menos explorados, tanto para coleta de iscas vivas quanto para pesca.

Além desse fator citado, muitas vezes eles aparecem na figura do atravessador, obtendo vantagens financeiras em cima do produto desses trabalhadores despossuídos.

Furtado explica essa questão da dependência de pescadores artesanais pela figura de um intermediário num estudo feito sobre a pesca artesanal no Pará. O mesmo pode ser aplicado aos trabalhadores da pesca do Porto da Manga:

No plano da comercialização a dependência do pescador artesanal de uma rede de intermediários é uma das várias características da pesca artesanal no Pará. Deriva da distancia entre os centros produtores e consumidores do produto da pesca, da falta de condições materiais do pescador e, por outro lado, do sempre crescente grau de aspiração dele em relação aos bens de consumo da sociedade industrial que se infiltram, por vários caminhos (rádio, jornais, televisão, conversas, contatos). (1990.p.55)

Mas, mesmo dependendo da figura do atravessador para vender o produto da pesca, os pescadores e isqueiros do Porto da Manga não se vêm tão ameaçados pela figura de intermediários, porque eles são detentores do conhecimento necessário para que a atividade pesqueira seja realizada com êxito. A mesma relação ocorre com os pescadores artesanais de Marudá, litoral amazônico:

Embora esses pequenos produtores estejam subordinados a rede de intermediários, esta não é uma relação de produção tipicamente capitalista, uma vez que o pescador detém um relativo controle dos meios de produção, e todo o saber que envolve esse trabalho é dominado por ele. (Moreira.1993. p.121)

Um outro ponto desse conflito é a atuação da ECOA, pois esta tendo como metodologia o desenvolvimento integral da comunidade luta para a melhoria de renda desses trabalhadores da pesca.

Sendo assim, a presença dela não agrada as pessoas que aparecem, como a figura do atravessador, essas pessoas são minoria, geralmente são os que não participam da Associação de Moradores do Porto da Manga, porque eles se

sentem fora desse processo de organização, das pesquisas e outras tentativas de melhora da qualidade de vida e renda desses ribeirinhos. Nesse caso, a presença da ECOA no local é um agravante no contexto desse conflito histórico.

3. PROJETOS SOCIAIS PROPOSTOS NA COMUNIDADE DO PORTO DA MANGA

Neste capítulo serão citados, os projetos sociais implantados na comunidade do Porto da Manga por órgãos governamentais e não-governamentais.

Serão mostrados os objetivos, data de execução, instituições proponentes e resultados alcançados com cada projeto que foi proposto a esta comunidade. Pois, com essas informações será possível fazer uma análise sobre a influência desses projetos sociais na vida desses moradores.

3.1 DIRETRIZES PARA O MANEJO SUSTENTÁVEL DA ATIVIDADE DE COLETA DE ISCAS VIVAS NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL.

Esse projeto é parte integrante do Projeto de Implementação de Práticas de Gerenciamento Integrado da Bacia Hidrográfica para o Pantanal e Bacia do Alto Paraguai (ANA/ GEF/ PNUMA/ OEA), ECOA E UFMS, as instituições proponentes foram a UFMS e a ONG, ECOA.

Esse primeiro projeto foi de grande importância para os ribeirinhos das regiões de Miranda, Corumbá e Porto Murtinho, pois traçou o perfil socioeconômico e o levantamento da ocupação da mão-de-obra, estratégia de comercialização de iscas vivas e ainda diretrizes para o manejo sustentável de coleta de iscas vivas.

O período de execução deste projeto foi nos anos de 1999 a 2003, o qual teve como objetivo atuar junto aos pescadores de iscas vivas do Pantanal de MS no sentido de tornar essa atividade ambientalmente sustentável e promotora de inclusão social. Foi proposto também, o desenvolvimento de novas técnicas e instrumentos de captura, e o estímulo a práticas associativas. Esse sub-projeto

definiu diretrizes para embasar o Plano de Ações Estratégicas do Projeto GEF Pantanal/Alto Paraguai. Foram realizadas na comunidade reuniões visando incrementar ações de caráter associativo, que dessem poder de ação e visibilidade para os pescadores. Isso tudo permitiu que a categoria levasse suas demandas e reivindicações às instâncias reguladoras da atividade pesqueira no Estado.

Numa visão geral este trabalho favoreceu um diálogo permanente com os pescadores sobre sua condição de vida, seu conhecimento das técnicas de coleta e conduziu a ações práticas sobre o rumo da atividade no Pantanal, buscando por fim o manejo sustentável da coleta de iscas vivas.

Um outro objetivo proposto neste trabalho foi a instalação da Unidade Móvel e Oficina Itinerante, que servem para elaboração de projetos para criação de iscas vivas em cativeiro, para implantar soluções piloto para os problemas de infra-estrutura das comunidades e ainda, treinamento de membros da comunidade com perfil de agente ambiental.

Quanto aos resultados pode ser observada a instalação da Unidade Móvel na Vila do Porto da Manga, várias oficinas de capacitação para os moradores foram realizadas, novas técnicas de manejo na coleta de isca vivas foram incorporadas, também foram inseridos novos instrumento de trabalho durante a coleta de iscas vivas, tais como, macacão (roupa impermeável que protege o isqueiro durante a realização da sua atividade) e uso de luvas. Nota-se ainda que o uso de macacão tornou-se parte integrante na atividade da coleta de iscas vivas, hoje muitos isqueiros não se vêm trabalhando na coleta de iscas vivas sem a utilização desse equipamento de segurança.

E todos os dados coletados no decorrer deste projeto serviram e servem como base para realização de novos estudos e desenvolvimento de novos projetos. Por exemplo, a instalação da Unidade Móvel foi proposta neste projeto, a qual veio a ser consolidada após o término do mesmo.

3.2 UNIDADE MÓVEL PARA AÇÕES DE CAPACITAÇÃO, PRODUÇÃO E APOIO AOS PESCADORES DE ISCAS VIVAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA ESTRADA PARQUE PANTANAL NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL

O projeto foi proposto pela ONG ECOA e encaminhado à Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República visando promover a melhoria da qualidade de vida das comunidades de pescadores de iscas vivas na área de influência da Estrada Parque Pantanal Sul, através da implantação de uma Unidade Móvel, ou seja de um espaço físico para treinamento, capacitação, educação ambiental e implementação de parcerias nas áreas de saúde, educação e inclusão social.

Esse processo de capacitações visa ampliar a capacidade de interação entre membros de cada uma das comunidades da área de influência da Estrada Parque Pantanal Sul. Ainda essas atividades previstas dentro desse processo visam garantir o permanente funcionamento e melhor aproveitamento do trailer (ou seja, esta unidade móvel que está sendo proposta neste projeto), como por exemplo um espaço para aulas de reforços direcionadas aos filhos dos trabalhadores da região e uma sala de leitura.

Esta unidade móvel fornecerá condições fundamentais de estrutura física necessária para promover o desenvolvimento sustentável e inclusão social das comunidades da área de influência da Estrada Parque Pantanal Sul, por esta ser uma Área de Especial Interesse Turístico (AEIT). Sendo as comunidades beneficiadas a do Porto da Manga, Passo da Lontra e acampados da BR-262, no total cerca de 80 famílias de pescadores de iscas vivas estarão recebendo atendimento desta Unidade Móvel.

Como resultados observados, com a instalação da Unidade Móvel no Porto da Manga, foi possível dar início às outras atividades propostas neste projeto: 1º) foram realizadas duas edições do curso básico de manutenção de barcos e troca e manutenção de peças; 2º) foram ministradas aulas de educação ambiental para toda a comunidade inclusive para crianças; 3º) curso de culinária regional ministrado para as mulheres, com alternativas nutricionais; 4º) curso de plantas

medicinais existentes no local e noções de higiene; 5º) cursos específicos de pesca e manejo de iscas.

Contudo, ocorre que o período de permanência na comunidade do Porto da Manga, proposto inicialmente foi de sete meses, após a data de execução, que seria setembro de 2004. Porém observa-se que até hoje esta Unidade Móvel está instalada na Comunidade do Porto da Manga, não ocorre o atendimento as outras comunidades citadas.

3.3 FORTALECIMENTO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE DO PORTO DA MANGA

Este projeto tem como objetivo a aquisição de alguns materiais tais como: uma balança eletrônica e GPS, estes instrumentos serão utilizados na realização de pesquisas com iscas vivas; e recursos solicitados também para realização de reuniões e oficinas de capacitação na comunidade. Visa ainda fortalecer a associação, ampliar a capacidade de articulação e organização da Associação, colocando-a no cenário de Políticas Públicas e Turismo. Além dos fatos citados, serão realizados cursos de capacitação para os membros da associação e moradores da comunidade, sendo estes relacionados a atividades como o turismo, pesca e alternativas de renda.

Os recursos para realização deste projeto foram solicitados ao CASA (Centro de Apoio Sócio-Ambiental), e organização solicitante foi a Associação dos Moradores do Porto da Manga, esta tendo como prazo para execução das suas propostas o período de 01 /05/2007 a 18/12/2008.

Como resultados obtidos pelo projeto, observa-se que foram realizadas oficinas de cooperativismo, com temas tais como: os benefícios que a associação pode receber quanto aos aspectos políticos, públicos e legais de uma associação, onde e como procurar incentivos fiscais, como administrar recursos entre outros.

Ainda um curso voltado para as mulheres, de como fabricar amaciantes, desinfetantes e detergentes sem aditivos químicos e com ingrediente ecológicos, encontrados na região.

Com a aquisição dos instrumentos para realização da pesquisa, foi possível dar continuidade ao trabalho que vinha sendo feito em parceria com a ECOA, IBAMA e Embrapa Pantanal.

Notou-se também, um aumento do número de moradores na participação da associação local, pois os cursos e oficinas realizadas serviram como estímulo para que os moradores interagissem e vissem os benéficos que podem ser alcançados quando a categoria se organiza.

3.4 PROJETO LUZ PARA TODOS

O Governo Federal Iniciou em 2004 o “Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica-Luz para Todos”, que tem como objetivo levar as redes de energia elétrica para a população do meio rural até o ano de 2007. Esta conquista contou com a parceria do Ministério da Energia, Associação de Moradores do Porto da Manga e a ECOA.

No dia 21 de maio de 2007, a comunidade do Porto da Manga foi contemplada pelo projeto e hoje conta com o fornecimento de energia elétrica.

Essa é uma grande conquista para a comunidade, veio junto também um pouco de esperança na melhoria da qualidade de vida e facilidades para o desenvolvimento da atividade de pesca e turismo, conquista essa que vem aproximar um pouco mais essa comunidade que por tantos anos ficou esquecida pelo governo.

3.5 PROJETO MUSEU RONDON DO PANTANAL, ESTRADA PARQUE PANTANAL, PORTO DA MANGA CORUMBÁ/ MATO GROSSO DO SUL

Em 1902, foi criado o distrito telegráfico de Mato Grosso ligando a cidade de Cuiabá à rede brasileira. Já em 1900 Rondon como engenheiro militar segue para o estado de MT como chefe do 16º Distrito Telegráfico e Comissão Construtora de linhas telegráficas ligando a cidade de Corumbá à capital de Mato Grosso, Cuiabá.

A passagem de dois fios condutores no rio Paraguai, hoje na Estrada Parque Pantanal, foi feita por meio de um cabo de três condutores de cobre, sendo o seu aterramento feito em duas guaritas marginais ao rio, sendo este projeto voltado à restauração de uma dessas guaritas, a única restante no Porto da Manga, Corumbá/MS e assim implantar o Museu Rondon.

Por fim visa, destacar a figura histórica do Marechal Rondon, dada sua importância no processo de desbravamento da região Oeste do Brasil, com a implantação do Museu Rondon na Guarita Telegráfica.



Figura 3. Imagem da casa que foi proposta a restauração para criação do Museu Rondon. (Foto: Wanessa Pereira)

Propõe-se também resgatar a história através de registros bibliográficos, bem como acervos fotográficos e outros objetos que possam evidenciar a passagem e o trabalho do Marechal Rondon na região.

Ainda verifica-se como órgãos proponentes do projeto, o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, Prefeitura Municipal de Corumbá e Secretaria de Turismo, mas nota-se que o projeto ainda não foi desenvolvido, mesmo tendo como prazo para execução o ano de 2005.

3.6 PLANO DE MANEJO DA ESTRADA PARQUE PANTANAL

Esse Plano de Manejo traz diversos benefícios e melhor infraestrutura ao longo de toda Estrada Parque Pantanal, sendo assim essas obras vão beneficiar as pessoas que por ali transitam e ao mesmo tempo trará melhoria para as comunidades que existem em sua extensão. Esse Plano de Manejo tem como objetivo promover o desenvolvimento turístico, assegurando a preservação e valorização do patrimônio cultural e natural, dando assim uma visão mais ampla da Estrada Parque Pantanal.

Uma comunidade a ser beneficiada é a Vila do Porto da Manga. Na primeira fase do Plano de Manejo da Estrada Parque, há uma ação de regularização da área urbana do Porto da Manga, que visa a construção de casas de palafita e ainda a melhoria das condições de saneamento básico.

As casas serão apenas reformadas, os moradores não serão removidos dos locais que residem atualmente, esta é uma preocupação destes moradores, pois o projeto anterior a esse o “Mudando para Melhor”, que não foi desenvolvido devido à resistências por parte dos moradores; propunha a construção de uma vila de casas, onde esses moradores seriam transferidos para casas construídas em locais diferentes dos quais residem.

Uma segunda melhoria está proposta para ser desenvolvida na primeira fase do Plano de Manejo, trata-se da criação do centro de apoio ao turista, com informações sobre o Pantanal.

A elaboração do Plano de Manejo da Estrada Parque Pantanal foi realizada por meio de licitação pública lançada pelo Edital Tomada de Preços nº 02/2005 do Ministério da Integração Nacional, com recursos do Programa Pantanal. O acompanhamento e a supervisão durante a elaboração deste Plano de Manejo, ficaram a cargo do Grupo Técnico de Acompanhamento (GT), criado para especificamente para essa função e a Secretaria do Centro-Oeste do Ministério da Integração Nacional.

Plano de Manejo realizado pela: Sócio-Ambiental Consultores Associados Ltda. Vale destacar que todas as decisões tomadas com relação a comunidades existentes ao longo da EPP, foi levada ao conhecimento dos moradores e suas opiniões foram válidas para a definição de várias diretrizes do Plano de Manejo.

Como resultados observa-se que o projeto encontra-se ainda em fase de execução, é preciso citar que o proponente desse projeto é Governo do Estado de Mato Grosso do Sul – Secretaria do Meio Ambiente, e o período de execução dado foram: 2005/2008.

3.7 QUEDA DA TAXA DE MORTALIDADE DE ISCAS VIVAS

O índice de mortalidade das iscas coletadas na região do Pantanal era muito alto até então. Com o desenvolvimento dessa pesquisa que buscou conhecer as causas do alto índice de mortalidade dessas iscas coletadas, essa realidade mudou, houve uma queda na taxa de mortalidade dessas iscas.

Esse projeto foi coordenado pela ECOA, em parceria com a comunidade local e pesquisadores da Embrapa Pantanal, IBAMA e Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca (Seap/ PR), durante os anos de 2005 a 2006, esses parceiros fizeram parte dos estudos e análises para que fosse encontrada as causas e dadas as alternativas para diminuição desse alto índice de mortalidade das iscas.

Esse trabalho teve início com um projeto piloto, o Centro de Iscas do Porto da Manga, onde 35 famílias foram envolvidas, sendo um local de uso coletivo. Esse novo local para estocagem das iscas possui um sistema de água que é

rotativa, o que melhora a qualidade de armazenamento, as iscas são armazenadas em caixas d'água de 500L , com camalotes e havendo um manejo adequado dessas iscas.

Todas as informações obtidas com a pesquisa foram disponibilizadas em apostilas, que traziam ainda um Plano de Manejo para a coleta de Iscas no Pantanal.

No arquivo da ECOA, encontra-se uma entrevista na qual a coordenadora do projeto no Porto da Manga, afirma que o sucesso desse trabalho se deu através da participação da comunidade.

Como resultado desse projeto foi buscada a solução para reduzir a taxa de mortalidade das iscas coletadas. Isso beneficia tanto o ambiente natural local, quanto a vida desses trabalhadores, pois não há necessidade de coletar tanta isca se a taxa de mortalidade baixar. Com os estudos realizados e a descoberta para a causa desse alto índice de mortalidade do manejo inadequado dessas iscas, elaborou-se um Plano de Manejo das iscas vivas e todas essas informações foram passadas aos moradores.

A realização desse projeto foi de suma importância para os isqueiros do Porto da Manga, após esses estudos, a taxa de mortalidade que era de 50% de um total de iscas coletadas, hoje é de 10%.

Com isso, a atividade se tornou mais sustentável e menos desgastante para esses coletores de iscas vivas, porque não há mais necessidade de dedicarem tanto tempo e dinheiro na atividade de coleta, isso fez com que melhorasse a renda desses ribeirinhos.

3.8 VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DE ORIGEM VEGETAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE TRÊS COMUNIDADES DO PANTANAL E CERRADO

O projeto será realizado nas seguintes comunidades: Porto da Manga; povoados da região do Amolar: Vila do Amolar, comunidade do Palmital e

comunidade do São Lourenço; Assentamento Andalúcia na cidade de Nioaque/MS, nos anos de 2005 a 2007. Este projeto visa estabelecer nessas comunidades práticas conservacionistas de aproveitamento dos recursos nativos da flora local e mover esses moradores visando a valorização da biodiversidade e da cultura local.

Serão repassadas a essas comunidades informações para que seus moradores saibam identificar e coletar pelo menos 10 frutos nativos, ensinando-os a conservar, beneficiar e comercializar a produção, sendo que será dado também infra-estrutura básica para que esse trabalho seja realizado pelas comunidades envolvidas

Com as ações desenvolvidas nesse projeto serão estimuladas práticas associativistas em cada comunidade envolvida e esta será uma alternativa econômica para essas comunidades envolvidas, pois primeiramente o que esse projeto busca é o aumento da renda desses moradores e contará com a participação de 150 famílias.

Como resultados desse projeto observa-se que, foram realizadas oficinas de cooperativismo e associativismo nas comunidades envolvidas, as aulas foram ministradas no Núcleo Móvel de Capacitação no Porto da Manga em Corumbá/MS. Entre os temas abordados nas oficinas estão os benefícios recebidos por uma associação, aspectos políticos públicos e legais, onde e como procurar incentivos fiscais, entre outros.

A oficina de capacitação, cooperativismo, associativismo e beneficiamento de alimentos para moradores e ribeirinhos das comunidades pantaneiras, foi coordenada pela ECOA, em parceria com a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e com a Cooperativa de Trabalho em Desenvolvimento Rural e Agronegócio (Coopaer).

4. INFLUÊNCIA DOS PROJETOS SOCIAIS NA VIDA DOS MORADORES DO PORTO DA MANGA

Este capítulo tem como objetivo analisar a atuação dos projetos, citados acima, na comunidade do Porto da Manga, em relação à renda, infra-estrutura, melhoria na qualidade de vida e emprego; o grau de adesão desses projetos pela comunidade e por fim, o nível de satisfação da comunidade do Porto da Manga com a implantação desses projetos.

No contato inicial com esses trabalhadores da pesca, pode-se considerar que as mudanças que tiveram maior prestígio perante esses moradores, foram trazidas pelos projetos que possibilitaram o aumento da renda desses trabalhadores ou melhorias para a realização da atividade da coleta de iscas vivas.

Quando esses moradores foram questionados se eles conhecem ou sabem de alguma entidade ou grupo que realiza trabalhos na comunidade, buscando melhora na renda e na vida deles, 97% alegam que existe algum grupo que atua no local com essas finalidades e 3% dos entrevistados desconhecem a existência dos mesmos; ainda quando são questionados se sabem quais grupos atuam no local, os mais citados são ECOA, Embrapa e Ibama, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1. Existência de entidades ou grupos atuantes na comunidade do Porto da Manga.

| EXISTENCIA DE ENTIDADES | |
|---------------------------|-----|
| SIM | NÃO |
| 97% | 3% |
| QUAIS GRUPOS OU ENTIDADES | |
| ECOIA | 38 |
| EMBRAPA | 4 |
| IBAMA | 4 |
| UFMS | 2 |
| MARINHA | 1 |

Quanto à participação desses moradores em reuniões e capacitações realizadas por estas instituições tanto governamentais quanto as não-

governamentais, nota-se que 88% dos entrevistados participam, apenas 12% não comparecem a esses acontecimentos realizados na comunidade. Tendo como principais motivos: não ter tempo por causa do trabalho ou por não participarem da Associação de Moradores do Porto da Manga.

Quando os entrevistados foram questionados se participam de alguma associação ou outra forma de representação de classe, verifica-se que 70% deles participam de alguma associação, apenas 30% não tem nenhuma participação em nenhuma forma de representação da categoria.

Estes que possuem alguma representação, em sua maioria, participam da Associação de Moradores do Porto da Manga e afirmam ter mais facilidade na participação local, por não terem problema com a necessidade de deslocamento. Pois além desta ainda há a Colônia de Pescadores de Corumbá, alguns alegam não participarem pelo motivo de dificuldade de deslocamento.

Uma outra questão levantada na pesquisa foi que alguns moradores afirmam ser necessário um maior diálogo entre o representante da comunidade e demais moradores. Ocorre que o representante viaja, participa das reuniões e quando chega na comunidade não repassa a todos os moradores o que foi abordado nesses encontros realizados fora da comunidade. Por exemplo, como foi explicado por um isqueiro:

A representação é feita, mas quem vai lá não traz informação e os resultados para a comunidade, quando há viagem ninguém mostra o resultado, não dá para saber, o presidente não dá informação para toda a comunidade. (isqueiro 47 anos)

Esses moradores que levantaram essa questão alegam que isso ocorre por diversos motivos, tais como, falta de interesse por parte de alguns, sobre quais dificuldades a comunidade enfrenta, ou muitas vezes não tem tempo por causa da atividade com a pesca.

Quanto aos projetos realizados na comunidade 94% dos entrevistados sabem da existência de algum projeto social desenvolvido no local e 6% alegam não saber. Sendo que 85% desses moradores acompanham a realização desses

projetos e os 15% que não acompanham alegam ser por falta de tempo por causa do trabalho ou não quiseram responder.

Tabela 2. Existência e acompanhamento de projetos sociais.

| ACOMPANHAMENTO DOS PROJETOS PELA COMUNIDADE | | | |
|--|-----|------------------------------------|-----|
| EXISTENCIA DE PROJETOS | | ACOMPANHAMENTO DOS PROJETOS | |
| SIM | NÃO | SIM | NÃO |
| 94% | 6% | 85% | 15% |
| | | POR QUE? | |
| | | NÃO RESPONDEU | |
| | | TRABALHA E NÃO TEM TEMPO | |

Sobre os projetos que trouxeram melhorias importantes para a vida desses moradores entre os mais citados aparecem: 1º) uso do macacão como instrumento de trabalho essencial; 2º) a casa de iscas, a qual serve como local para armazenar essas iscas e comercializá-las; 3º) o curso para aproveitamento dos frutos nativos; 4º) o projeto que levou a energia elétrica até o local.

Tabela 3. Projetos de maior influência na vida dos pescadores.

| PROJETOS DESENVOLVIDOS NA COMUNIDADE | |
|---|--------------------------------------|
| PROJETOS | Nº de vezes que foram citados |
| MACACAO IMPERMEAVEL | 13 |
| CASA DE ISCAS | 12 |
| TRAILER MOVEI | 12 |
| ENERGIA ELETRICA | 11 |
| MEDICO | 08 |
| FRUTOS DO PANTANAL | 06 |
| FRABRICAÇÃO DE SABÃO | 03 |
| TELA DE ISCAS | 03 |
| CURSO DE COMPUTACAO PARA CRIANÇAS | 03 |
| PROJETO DE URBANIZAÇÃO | 02 |
| ARTESANATO COM COURO DE PEIXE | 02 |
| NÃO LEMBRO | 03 |

Esses quatro projetos mais citados estão ligados ao aumento da renda desses trabalhadores, o uso do macacão impermeável foi inserido como instrumento de trabalho na vida desses trabalhadores a partir do sub-projeto:

“Diretrizes para o Manejo Sustentável da atividade de Coleta de Iscas Vivas no Pantanal em Mato Grosso do Sul” com isso esses trabalhadores ficam menos expostos à vida insalubre que eles levam, ficam imersos dentro d’água mas não se molham e não correm tanto risco de ataque de cobras e jacarés.

Esse projeto representa um dos maiores ganhos para a comunidade, pois nota-se que esses moradores têm hoje o uso do macacão impermeável, como um instrumento de trabalho indispensável. Outros fatores positivos para melhoria da qualidade de vida desses moradores vieram junto com a inserção desse instrumento. Informações obtidas em pesquisa realizada pela ECOA, anteriormente ao uso desse macacão, demonstrou que o índice de doença de pele entre esses moradores era de 70%, hoje o número de doenças de pele caiu 100%.

Porém, ocorre atualmente que muitos isqueiros necessitam adquirir novos macacões, pois os primeiros foram vendidos para esses isqueiros há 5 anos, estes se encontram desgastados pelo tempo. Sendo que o valor atual para compra de novos macacões impermeáveis é de R\$ 260,00, um valor muito alto para esses isqueiros que ganham 0,40 centavos por isca vendida.

Um segundo projeto de muito valor para o trabalho desses isqueiros, foi a Casa de Iscas, um projeto piloto que envolveu cerca de 35 famílias da comunidade, um local de uso coletivo. Esse Centro de Iscas Vivas, ou Casa de Iscas assim denominada pelos moradores locais, fez parte do “Projeto de Queda da Mortalidade das Iscas Vivas”, que teve como finalidade descobrir as causas do alto índice de mortalidade dessas iscas vivas. Chegou-se então a uma solução eficiente para o controle da mortalidade, foi descoberta a causa e criadas soluções para esse problema que afetava 100% desses profissionais da pesca.

Foi elaborado um Plano de Manejo das Iscas Vivas. Todas informações obtidas foram repassadas a esses moradores na tentativa de solucionar esse problema. Hoje nota-se que essa taxa de mortalidade das iscas que era de 50%, caiu para 10%, do total de iscas que são coletadas.

Ainda com a construção dessa Casa de Iscas Vivas, pode ser estabelecido um centro de comércio coletivo dessas iscas, cada dupla de isqueiro possui um reservatório. Todo turista que transita pelo local e que deseja comprar iscas vivas,

vai até esse depósito, que fica aberto o dia todo e fecha apenas no período da noite.

Mas, atualmente, nota-se que ocorre um fato que não agrada alguns moradores, que vem a ser a má utilização das “Casa de Iscas”, pois ocorre em alguns casos que isqueiros alegam faltar iscas no seu reservatório. Não há como controlar quem transita pelo local, por ser um depósito de iscas vivas de uso coletivo. Uma isqueira dá sua opinião sobre o problema da má utilização da “Casa de Isca”:

Não queremos que façam vista grossa com relação as dificuldades dentro da comunidade. a forma com que ta sendo usada a caixa das iscas é errada, está sendo mal usada, eu nem deixo minhas iscas mais lá porque some, ninguém cuida, até turista entra lá, tinha que ter um responsável essa casa de isca. (isqueira 48 anos).

Notou-se então que por este motivo alguns isqueiros que não moram próximo ao Centro de Iscas preferem não deixar suas iscas armazenadas neste local. Isso faz com que estes isqueiros sejam desfavorecidos, pois os turistas que passam pelo local adquirem iscas do Centro de Iscas Vivas, dificilmente um turista vai até a casa de um isqueiro para comprar isca.



Figura 4. Isqueiros chegando da coleta de iscas e armazenando no Centro de Iscas.
(Foto: Wanessa Pereira)

Quanto ao curso de aproveitamento dos frutos nativos, muitas mulheres da comunidade aprenderam como utilizá-los na culinária, agregando valor a esses recursos nativos. Hoje é possível através da utilização desses a produção de doces, geléias, sucos, bolos e outros produtos todos podendo ser comercializados no local, caso esteja na época de colheita dos frutos. Fazendo com que isso se torne uma alternativa de renda para esses ribeirinhos, além da atividade da pesca.

Por fim, a questão da energia elétrica, sem ela era muito difícil para esses ribeirinhos conservarem o seu pescado durante dias, porque a única alternativa para quem não possuía gerador era conservar o peixe no gelo, mas não era tão vantajoso, pois o peixe não era congelado era apenas refrigerado.

Por não terem local para guardar seu produto e pelo alto custo para conservá-lo no gelo e não haver garantia de mantê-lo fresco durante dias, os pescadores eram obrigados a chegar na comunidade e vender seu produto de qualquer maneira, muitas vezes comercializavam por um valor mais baixo, antes que perdesse todo esforço feito no dia trabalhado.

Atualmente, quase todos os moradores possuem um local para armazenagem do seu produto por alguns dias. Caso não seja proprietário de freezer ou geladeira, sempre há um parente ou vizinho que cede um local para conservação garantida do peixe por pelo menos três dias.

Já um problema que ocorre, quanto à instalação de energia elétrica e que já foi citado, é a falta de um local na comunidade para o pagamento das contas de energia, pois isso causa dificuldades na vida desses ribeirinhos, terem de ir até a cidade fazer o pagamento, sendo que eles pagam pelo transporte até a cidade cerca de R\$ 100,00.

Quando esses ribeirinhos foram questionados sobre as mudanças que ocorreram na comunidade com a realização desses projetos, se elas foram positivas ou negativas e quais mudanças ocorreram:

Tabela 4. Mudanças ocorridas na comunidade.

| MUDANÇAS OCORRIDAS NA COMUNIDADE | | | |
|----------------------------------|-----|--------------------|------|
| MUDANÇAS POSITIVAS | | MUDANÇAS NEGATIVAS | |
| SIM | NAO | SIM | NÃO |
| 97% | 3% | - | 100% |
| QUAIS | | | |
| MACACAO IMPERMEAVEL | 25 | | |
| ENERGIA | 19 | | |
| QUEDA DA MORTALIDADE DAS ISCAS | 19 | | |
| TELA DE ISCAS | 15 | | |
| CURSO DE MOTOR | 13 | | |
| ORGANIZAÇÃO SOCIAL | 12 | | |
| NÃO RESPONDEU | 4 | | |

Por fim, como sugestões dadas pela comunidade, para melhoria de alguns problemas ainda enfrentados por esses ribeirinhos, foram levantadas as necessidades de instalação de um Posto Médico no local; melhor estrutura para funcionamento da escola e por fim maior organização dos isqueiros para que consigam utilizar de forma coletiva o Centro de Iscas. Para que isso ocorra é necessário maior articulação desses ribeirinhos, para que consigam se organizar.

No relato de um morador quanto às necessidades ainda existentes na comunidade ele afirma qual seria a saída para alguns dos problemas enfrentados pela comunidade:

Acho que aqui deveria ter uma cooperativa, seria mais organizado, por que daí podíamos pedir transporte coletivo e coleta de lixo, são umas das necessidades nossas aqui. Já fizemo coleta do lixo daqui um caminhão da prefeitura veio pra coleta, mas agente que é adulto joga o lixo no mato, as criança tão vendo isso e crescendo assim, como nós. (isqueiro 47 anos)

Esses moradores do Porto da Manga reconhecem que muitas melhorias foram trazidas para a comunidade, por causa dos projetos sociais, 87% afirmam que ganharam maior representação de classe. E 87% dos entrevistados disseram também que hoje há um melhor relacionamento com os órgãos de fiscalização, possuindo a carteira profissional os órgãos ambientais abordam esses pescadores

e liberam, pois sabem que trabalham corretamente. Caso estejam com material proibido tudo é apreendido.

Foram questionados também se algum desses projetos gerou ou acirrou algum conflito entre pescadores e órgãos de fiscalização, sendo que 100% dos entrevistados afirmam que não, de maneira nenhuma isso ocorreu. Por exemplo, anteriormente tinham uma visão do Ibama, que chegariam para tomar o produto e os petrechos, hoje existem parcerias com os pescadores para realizarem pesquisas beneficiando ambas as partes, são vistos como parceiros na luta para melhora das condições de vida do pescador artesanal. A mesma relação de cooperação existe entre pescadores e outras instituições do governo, como Embrapa Pantanal e UFMS.

Dentre as melhorias locais, os entrevistados (*isqueiros*) que trabalham diretamente com o projeto na casas de iscas, ponto principal para pesquisa, armazenamento e comercialização no Porto da Manga, a maioria comentaram que tiveram melhoras de três anos de projeto na Comunidade.

Tabela 5. Média no ganho (faturamento mensal) dos isqueiros.
Porto da Manga

| COMPARAÇÃO DA RENDA POR ISQUEIRO - 2007 e 2008 | | |
|--|------------|------------|
| | 2007 | 2008 |
| 80% | R\$ 450,00 | R\$ 550,00 |
| 10% | R\$ 400,00 | R\$ 450,00 |
| 10% | R\$ 350,00 | R\$ 400,00 |

CONCLUSÃO

Com a realização desta pesquisa foi possível perceber que a Comunidade do Porto da Manga já vivenciou o auge da sua economia com o turismo de pesca, na década de 1990, mesmo assim esteve esquecida durante anos pelo governo.

Hoje o número de turistas que passa pela comunidade é baixo, mas mesmo assim, esses trabalhadores da pesca lutam contra as dificuldades socioeconômicas para se manterem como pescadores.

Por mais que ainda existam problemas e dificuldades de infra-estrutura ou ligados à atividade econômica, muita coisa foi e está sendo mudada na vida desses ribeirinhos, com a implantação dos projetos sociais que foram descritos no capítulo 3. Alguns ganhos foram obtidos, tais como, novos instrumentos e técnicas de trabalho, manejo adequado das iscas, facilidades trazidas pelo abastecimento de energia elétrica, maior diálogo entre pescadores e órgãos de fiscalização e uma maior organização entre os moradores em comparação ao período anterior à implantação desses projetos.

Isso se deve ao fato de haver uma articulação, entre a comunidade, instituições governamentais e não-governamentais. Pois o trabalho em conjunto fez com que a atividade da pesca diminuísse o seu impacto ao ambiente, através de aulas de educação ambiental para esses moradores, fazendo com que esse meio de renda se tornasse mais sustentável.

Esses trabalhadores da pesca eram vistos como principais causadores da degradação ambiental e responsáveis pelo baixo estoque pesqueiro, pelos órgãos ambientais. Não que essa visão tenha sido mudada, mas na comunidade o relacionamento com os órgãos de fiscalização teve uma melhora. Hoje por exemplo, observa-se parcerias entre a associação de moradores e Ibama para realização de estudos e pesquisas que beneficiem ambas as partes.

Um outro ponto de destaque além da maior representação social desses ribeirinhos, é a melhoria da renda e da qualidade de vida. Com a inserção de

novas técnicas e novos instrumentos de trabalho, ocorre hoje o manejo adequado do produto e uma melhor qualidade de vida, pois a utilização do macacão pelos isqueiros não os deixam expostos aos riscos oferecidos pela atividade, um exemplo é a queda dos casos de doença de pele, por exposição excessiva na água.

Muito já foi feito por esta comunidade, mas há muito o que fazer ainda, o maior desafio hoje e que só poderá ser resolvido pelos moradores é a questão da organização social. Ainda há muitos conflitos dentro da comunidade, sabe-se que estes não serão resolvidos assim facilmente, mas somente com a organização interna da comunidade esses moradores terão maior força para lutarem contra as dificuldades.

Poderão assim solicitar junto aos órgãos competentes, uma melhor estrutura para a escola, posto de saúde, transporte coletivo e coleta de lixo, essas solicitações foram as mais citadas pelos entrevistados.

Um problema inicial a ser solucionado deve ser a utilização adequada da Casa de Iscas, pois é passado aos turistas que lá é um local de uso coletivo, mas isso não ocorre, não são todos que usam esse depósito, há os que preferem armazenar dentro de casa as iscas vivas. Isso desfavorece esses isqueiros pois os turistas dificilmente vão até as casas para comprarem iscas, adquirem ali no porto por ser um local de fácil acesso.

Por fim, os projetos implantados deram certo, atingiram os objetivos propostos e tiveram um boa aceitação por parte da comunidade. Vale destacar que algumas dificuldades surgiram e que estas poderiam ser amenizadas através de uma melhor organização da comunidade, onde os moradores poderiam deixar de lado as diferenças e se atentarem ao bem comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDUCCI JUNIOR, A. Catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal Mato-Grossense. 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2006.

CATELLA, Agostinho Carlos. Comércio e Captura de Iscas Vivas na Bacia do Alto Paraguai. Sistema de Controle de Pesca- SCPesca/ MS. 2008.

COELHO, Simone de Castro Tavares. Terceiro setor: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos. São Paulo: SENAC, 2000.

DIÉGUES, A. C. S. Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítima. São Paulo: USP/ NUPAUB, 1995.

. _____ (org). A Imagem das águas. São Paulo: USP/ NUPAUB Hucitec, 2000.

DIÉGUES, A. C. S. & MOREIRA, A. C. C. Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. São Paulo: USP/NUPAUB, 2001.

DIÉGUES, A. C. S. & Arruda, R. S. V. (orgs). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília. USP/ NUPAUB, 2001.

FURTADO. Lurdes Gonçalves. Pescadores do rio Amazonas. Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém, Museu Emílio Goeldi. (Coleção Eduardo Galvão), 1993.

FURTADO, L. G; Leitão, W & Mello, A. F. (orgs). 1993. Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. (Coleção Eduardo Galvão).

_____. Características Gerais e Problemas da Pesca Amazônica no Pará. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Antropologia. Belém, 1990.

GOLDSCHMIDT, Andrea. Missão e Valores na estruturação de relacionamentos de parceria. http://www.responsabilidadesocial./article/article_view.php?id=492>. Acesso 17 de Outubro de 2007, às 10 horas.

LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, 1989.

MACHADO FILHO, Cláudio Pinheiro. Responsabilidade Social e Governança –O Debate e as Implicações. São Paulo: Tonsom, 2006.

MANESCHY, Maria Cristina. A Arte do Pescador Artesanal. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Antropologia. Belém,1990

MANESCHY, Maria Cristina. Pescadores nos manguezais: estratégias técnicas e relações sociais de produção na captura de caranguejo. In: Povos das Águas, Realidades e Perspectivas na Amazônia. FURTADO, Lourdes Gonçalves, LEITÃO, Wilma; FIUZA, Alex. Belém, 1993

MAUÉS, R. H & MAUÉS, M. A. M. Pesca e Agricultura na Amazônia: A Integração de uma Comunidade Rural ao Modo de Produção Capitalista. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Antropologia. Belém,1990

MINAYO, M. C. S.(org). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis. 25° Edição. Editora Vozes. 2004

MOREIRA, Hélio L. F. . Marudá: Aspectos das Mudanças Sociais em uma Comunidade de Pescadores. In: Lourdes Gonçalves Furtado; Alex Fiúza de Melo; Wilma Leitão. (Org.). Povos das Águas, Realidade e Perspectivas na Amazônia. Belém: CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993

RESENDE, E. k. Biologia da Tuvira. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento n° 67, agosto de 2006. Embrapa Pantanal.

SILVA, Carolina Joana da & SILVA, Joana A. F. No ritmo das águas do Pantanal. São Paulo: USP/ NUPAUB, 1995.